



PEDAGOGIA DA LONA: Teatro do Oprimido na Rede Municipal de Educação da cidade de Salvador

TAIANA SOUZA LEMOS

**Secretaria Municipal de Educação
de Salvador**

RESUMO

Relato de experiência que apresenta três vivências relacionadas ao ensino de teatro na Escola Municipal Ivone Vieira Lima, utilizando o método Teatro do Oprimido como mecanismo de desenvolvimento de ensino/aprendizagem teatral. Discute sobre o cenário da educação pública de Salvador, cidade onde as experiências foram realizadas, utilizando o termo *pedagogia da lona* como metáfora às condições que cercam o ensino de Teatro e as vivências em TO na Rede Municipal.

PALAVRAS-CHAVE:

Teatro do Oprimido.
Escola.
Pedagogia da Lona.

ABSTRACT

Experience report that presents three experiences related to the teaching of theater at the Ivone Vieira Lima Municipal School, using the Theater of the Oppressed method as a mechanism for the development of theatrical teaching / learning. It discusses the public education scene in Salvador, where the experiences were carried out, using the term pedagogy of canvas as a metaphor for the conditions surrounding the teaching of Theater and the experiences in TO in the Municipal Network.

KEYWORDS:

*Theater of the Oppressed.
School.
Pedagogy of the Canvas.*



A metáfora é uma figura de linguagem que bem se adequa ao Teatro do Oprimido (TO). Pela simbologia da *Árvore do Teatro do Oprimido*, da *Invasão dos Cérebros*, do *Tira na Cabeça*, pela variedade de jogos e títulos simbólicos que objetivam a mesma finalidade: destacar a figura do oprimido em meio aos bombardeios de opressões das mais diversas categorias e marcadores sociais. Para o combate, temos um *arsenal* plural e estético. Sendo assim, utilizo como metáfora para refletir acerca do ensino de Teatro e das vivências em TO na Rede Municipal de Ensino de Salvador, a *lona*.

Lona significa, segundo o dicionário Caldas Aulete (2018) “1.Tecido grosso e resistente próprio para coberturas, tendas, velas, sacos etc.[...] 3. Tenda sob a qual grupos artísticos apresentam espetáculos”. A fusão desses dois significados se adéqua perfeitamente à realidade do ensino de Teatro nas escolas municipais de Salvador. A cidade é coberta por lonas usadas para a contenção de encostas. Devido ao crescimento populacional e o não planejamento e precariedade de políticas de saneamento e urbanização, parte das moradias em Salvador estão localizadas em áreas de risco. Segundo a Defesa Civil de Salvador, Codesal, a cidade apresenta cerca de 600 áreas de risco que correspondem aos locais onde a ameaça de deslizamentos de terra e, conseqüentemente, de desabamentos, é iminente. Em períodos chuvosos, o perigo se torna ainda maior. Então são nesses momentos que a cidade é coberta por grandes lonas. Esse material é colocado para tentar conter e retardar o processo de infiltração das águas das chuvas no solo. Com as encostas cobertas, cria-se a sensação de segurança e de ação direta do Poder Público. É aqui, nesta *sensação* de segurança, através de uma ação mínima do Poder Público, que traço uma analogia ao trabalho com ensino de Teatro e vivências em Teatro do Oprimido nas escolas da Rede Municipal: a *Pedagogia da Lona*.

O que a lona representa é o mascaramento de uma realidade de perigo. A escola municipal de Salvador também vive uma realidade de encobrimento de carências e situações pouco otimistas em relação ao êxito na alfabetização e letramento de seu alunado. Quem vivencia o “chão de sala” rapidamente identifica as dificuldades ligadas à leitura e escrita entre os estudantes. Vemos crianças que não são alfabéticas cursarem o 4º ano do ensino fundamental 1. Mas esta realidade curiosamente contrasta com a avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais



Anísio Teixeira- INEP, órgão ligado ao Ministério da Educação que analisa o desempenho das escolas através do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica- IDEB, que

É um indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho em exames padronizados (Prova Brasil ou Saeb) – obtido pelos estudantes ao final das etapas de ensino (4ª e 8ª séries do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio) com informações sobre rendimento escolar (aprovação). (INEP, 2018, p.1)

A Rede municipal de ensino da cidade de Salvador é responsável pela oferta de ensino fundamental 1 e 2. Alcançando, em 2017, a média 5,3 para o 5º ano/4ª série do ensino fundamental 1, resultado que superou a meta prevista para este mesmo ano e já ultrapassa a previsão para 2021. Apresentando um resultado quantitativo que, aos olhos do senso comum, parece real e animador. Cansativamente veiculado nas mídias oficiais e virtuais como resposta das políticas ligadas à educação propostas pelo governo municipal atual.

Já para o 9º ano do ensino fundamental 2, a média alcançada é de 3,9, não alcançando a meta prevista. Este resultado tem sido pouco divulgado e relativizado pela mesma mídia.

Já o ensino médio, que tem a oferta responsabilizada pela Rede Estadual de Educação, alcançou a média 2,7, ficando entre os menores resultados do país.

Diante deste cenário, poderíamos ficar otimistas em relação ao desempenho do ensino fundamental 1, não fossem os arranjos para alcançar resultados nestas avaliações, já que é típico que diversas escolas recebam reforço de profissionais contratados através de instituições para que preparem os alunos para a realização de provas. Outro dado é que diversas escolas ficam de fora das avaliações por não reunirem determinados aspectos como quantitativo mínimo de alunos, escolas que não prestam informações ao Censo Escolar, entre outros.

A Escola Municipal Ivone Vieira Lima, instituição na qual realizo atividades como professora de Teatro, obteve 4,5 de média na avaliação do IDEB para o 5º ano/4ª série do ensino fundamental 1. Já o 9º ano/8ª série não realizou avaliação, visto que não atendia a um dos critérios exigidos pelo IDEB, o de ter o mínimo de 10 alunos matriculados na série. Nesta escola, ocorre evasão





escolar por diversos fatores como distorção idade/série, avanço não suficiente nas etapas de alfabetização, o que inevitavelmente afasta o/a estudante das salas de aula já a partir do 6º ano do ensino fundamental 2. Em 2017, ano de avaliação do IDEB, o quadro de turmas nesta escola era formado por dois 6º anos, com cerca de 60 estudantes matriculados, dois 7º anos, com cerca de 40 matriculados, um 8º ano com 16 matriculados e um 9º ano, com 9 matriculados. Destes, cerca de 45% dos estudantes de 6º ano, não frequentavam regularmente as aulas. Estes dados, embora sejam revelados através do Censo Escolar, parecem não ser relevantes nos cálculos de desempenho do IDEB, bem como questões identitárias.

A rede municipal de Salvador é majoritariamente composta por crianças e adolescentes negras. Na escola Ivone Viera Lima, localizada na comunidade Boiadeiro, no Subúrbio Ferroviário, cerca de 90% das e dos estudantes se autodeclaram negras/os. Basta fazer uma visita à escola e verificar que a tonalidade da pele da extrema maioria das/dos estudantes é retinta, além de outros traços fenotípicos. A violência institucionalizada marca a identidade da localidade. Uma breve pesquisa na internet no site de busca “Google” revela uma considerável realidade de exclusão e marginalização da identidade do lugar. Os resultados mostrados na busca estão ligados a roubos a coletivos ou aos passageiros no ponto de ônibus, ao tráfico de drogas intenso na região e, como consequência, um elevado índice de homicídios.

No início do meu trabalho nesta escola, em agosto de 2015, realizei atividades inspiradas na técnica de Teatro Imagem, com o intuito de conhecer os estudantes e ter uma compreensão panorâmica das questões ligadas à comunidade. Todas as improvisações corporais elucidaram relações de violência com o local. Imagens que mostravam o uso de armas de fogo, manuseio de drogas, violência física. Numa aula com turma do 6º ano, no ensino fundamental 2, um grupo improvisou um assalto no ponto de ônibus. No momento em que solicitei que inserissem falas nas imagens, uma estudante disse: “Ainda dá tempo de desistir, professora! Nenhum professor quer trabalhar aqui”. Com essa fala, a outra estudante que interpretava a assaltada responde: “Vou na prefeitura pedir para me mudarem de escola”.

Esta Improvisação me tocou de maneira intrigante. Por mais que na mediação do exercício eu houvesse indicado que pensassem e improvisassem situações em que os próprios sujeitos se identificassem como vítimas de uma situação opressora, as estudantes apresentaram uma proposta em que a maioria dos sujeitos assumiam a posição de opressor e seus aliados e a vítima





oprimida era alguém externo à realidade do lugar. Alguém que deveria se preservar ou que talvez “não merecesse” sofrer aquela violência e que teria chances de se proteger. Fiquei alguns minutos em silêncio, buscando formas de mediar aquela situação. Pedi para que os outros grupos que assistiram à cena falassem sobre o que viram. E taxativamente um estudante responde: “É isso aí mesmo! Aqui é assim professora!”. Eu imediatamente, de maneira talvez impulsiva, perguntei: “É assim mesmo? Todo mundo que vive aqui é ladrão? Vocês que estão aqui na sala de aula, são ladrões? Precisam roubar? Então a saída é a professora desistir? Então não vai ter escola? Vocês não têm direito de estudar? Vocês acreditam mesmo nisso?”. Houve um momento de silêncio. A estudante que improvisara a professora, responde: “Eu acredito nisso. É o que todo mundo fala da gente aqui”. Outro estudante complementa: “Porque aqui ninguém quer nada. Não quer estudar, não quer nada com a vida”. Poucos instantes depois, soa a sirene. Acaba o horário da aula.

A situação me fez refletir sobre o que aponta a arquiteta e urbanista Joice Bert:

Muitas vezes estar imerso na realidade opressiva impede-lhe uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido. A este nível, a percepção de si como contrário ao opressor não significa ainda que se comprometa numa luta para superar a contradição: um polo não aspira a sua libertação, mas a sua identificação com o polo oposto. (BERTH, 2018, p.15)

Temos um cenário de desgaste identitário, marcado por opressões estruturais e, no caso da comunidade escolar Ivone Vieira Lima inserida na localidade do Boiadeiro, o racismo parece ser o marcador mais atenuante. O engendramento da estrutura racista no Brasil é eficaz porque impacta na dificuldade de percepção coletiva da condição de opressão, reforçada pela implementação histórica no imaginário coletivo de que as pessoas negras têm como principal característica social a servidão, e inteligência e sabedoria não são características ligadas a essas pessoas. Para fugir dessa estigmatização, ou se afasta da identificação como pessoa negra, ou se alia à lógica racista, defendendo a ascensão individualista, pautada na superação pessoal e no reforço do merecimento das mazelas quase como uma condição que é criada e permitida pelo próprio oprimido. Como bem pontua a filósofa Djamila Ribeiro “o poder sempre se esforçou para esconder a origem social das desigualdades, como se as disparidades fossem naturais, meritocráticas ou providencialmente fixadas” (RIBEIRO, 2018, p.42).



Numa outra atividade, já em 2017, também numa turma do 6º ano, o tema em discussão era *identidade visual*, em consonância com o debate do empoderamento pela via da estética negra do encrespamento, muito latente na cidade de Salvador e gerando reverberações dentro da própria escola. Percebi que trabalhar esta temática apresentava uma relação de conformidade com a lei 10.639/03, que propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, destacando os negros como sujeitos históricos, valorizando o pensamento e ideias de intelectuais negras e negros, resgatando protagonistas silenciadas/os das lutas abolicionistas e por independência, bem como estudos sobre o patrimônio cultural material e imaterial como a musicalidade, dança, culinária e religiosidade de matriz africana.

A atividade consistia em experimentações estéticas baseadas na tríade *imagem*, *som* e *palavra* e a pergunta “o que é identidade visual para você?”, seria o tema gerador para as experimentações. Ao lançar a pergunta, eu planejava estimular improvisações corporais com experimentações sonoras que pudessem culminar em pequenos escritos, mas não foi o que aconteceu. Ao fazer a pergunta, um estudante de 13 anos responde: “Identidade é o que a gente tem que mostrar para a polícia quando eles param a gente. Comigo acontece direto.” e imediatamente um burburinho toma o espaço da sala de aula. Acalmei a turma e perguntei se alguém mais concordava com aquela resposta. A aula de Teatro passou a ser uma roda de relatos sobre a violência institucional sofrida pelos estudantes e moradores daquela localidade, estigmatizados por suas características fenotípicas e os entraves na construção de suas identidades que vão muito além de uma discussão sobre empoderamento pela via da estética visual de encrespamento de seus cabelos. Como questiona Joice Berth,

O que nos motivaria a lutar por emancipação e equidade racial [...] se carregamos um sentimento constante de distorção e não pertencimento pautado pela estética que aponta ausência de beleza e, portanto, de qualidades humanas louváveis? Nos versos de *Negro Drama*, do grupo Racionais MC's os compositores escrevem que “se ser preto é assim ir à escola pra quê? / Se meu instinto é ruim e eu não consigo aprender”. (BERTH, 2018, p.104-105)

A última experiência a ser relatada ocorreu entre julho e agosto de 2018, em um período de campanha salarial da categoria de professores e funcionários da Educação da Rede, em que o Sindicato de Trabalhadores em Educação do Estado da Bahia- APLB sugeria a realização de



atividades informativas nas escolas, afim de garantir que as comunidades escolares estivessem a par das situações de preparação para a greve. Parte considerável das e dos profissionais não se comprometem com essas atividades, por questões que vão desde as posições partidárias que assumem diante do sistema representativo democrático, até compreensões mais conseradoras que tentam colocar a escola como lugar de isenção política (como se fosse possível). Eu considero esta última bastante nociva e acredito que todo trabalhador da educação que não compreende a escola como espaço político, comete um grave erro!

Assim sendo, foram realizadas 8 aulas/ato para turmas do ensino fundamental 1 e 2 ao longo do período pré-greve e durante a deflagração. A metodologia utilizada foram *joguexercícios* inspirados no Teatro Imagem e experimentações livres baseadas na tríade *palavra-som-imagem*. A minha maior preocupação era convidar as/os estudantes para uma reflexão que problematizasse o sistema municipal de ensino em suas estruturas precarizadas, mais do que defender e/ou estimular apoio ao movimento de greve. Via nesse contexto uma possibilidade muito rica de discussão onde as crianças e adolescentes, principais impactados por um movimento de greve das escolas, pudessem discutir juntos sobre a escola que lhes é ofertada, potencializando possibilidades de diálogos críticos.

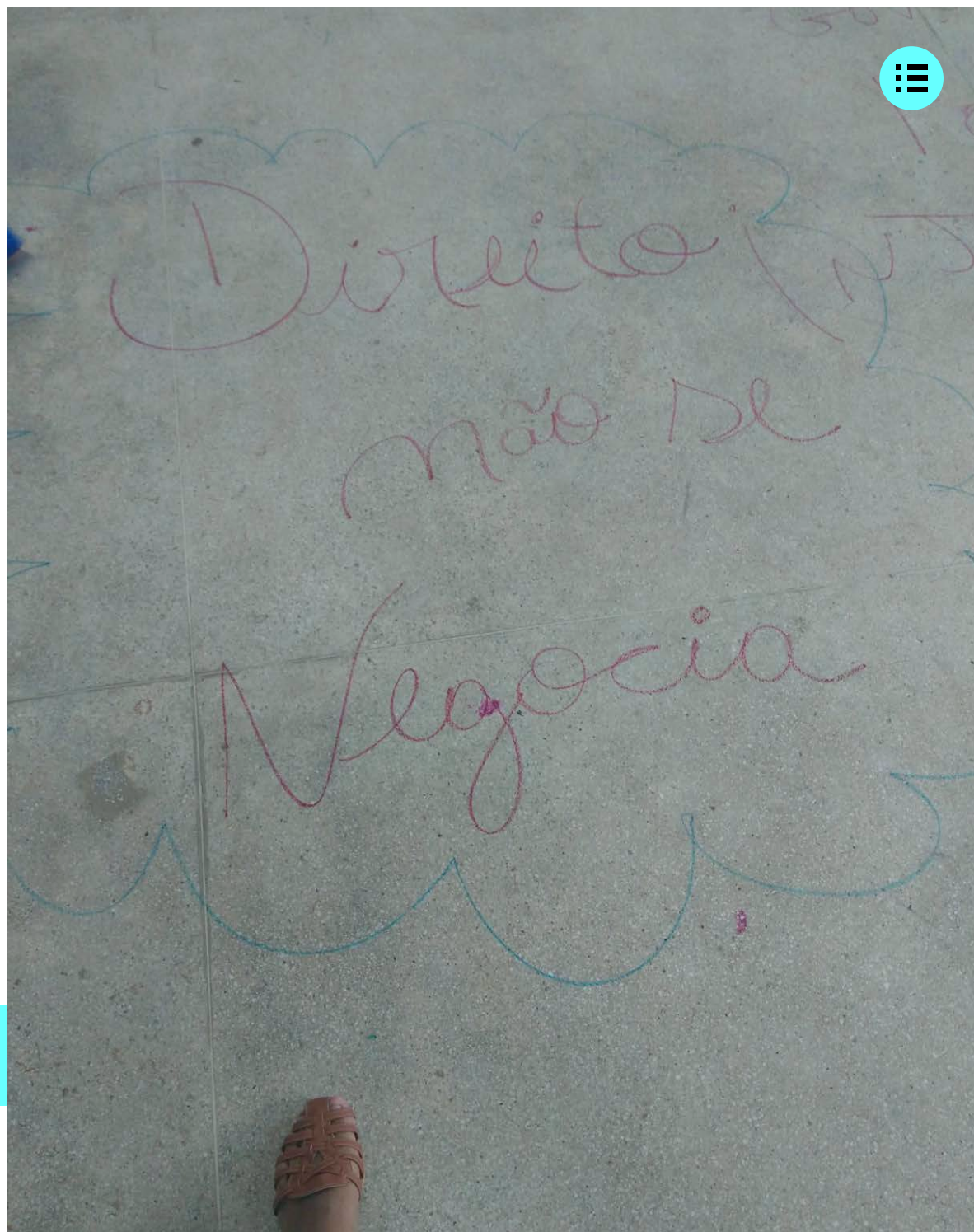
Greves escolares marcaram a minha história de vida, vivi uma educação básica pública já sucateada e dentre tantas questões, os atravessamentos grevistas são um ponto questionável. Enquanto estudante, nunca compreendi porque a mim não era dado os devidos esclarecimentos sobre o que motivava uma greve. Não havia nenhuma iniciativa de diálogo e elucidação de contexto político, apenas escolas fechadas e só. E, no retorno, a imposição de reposição de aulas aos sábados, que não ocorria de maneira efetiva, já que um grande percentual do alunado não comparecia na escola. Um contexto que nunca dialogou com as especificidades do perfil do alunado da rede pública. Não sei dizer de forma efetiva o que mudou em relação às escolas em que estudei após as diversas greves que marcaram os anos escolares que eu vivi. O que ocorre é que agora, fazendo parte da categoria profissional, me sinto responsável por não repetir esse *modus operandis*, eu devo levar à tona que estudantes são a parte mais impactada pelo sucateamento das redes públicas de educação básica, a luta da categoria “trabalhadores da educação” não é e nem pode ser distante do público-alvo do nosso trabalho. Como encurtar essas distâncias e trazer a problematização para as salas de aulas convidando as e os estudantes para isto é um desafio.



CAD.
GIPE
CIT
Salvador
ano 22
n 40
p 64-77
2018.1

Inspirada nas ideias da filósofa Patrícia Hills Collins, que “defende que a teoria é reverberação da prática pessoal e que a existência de uma deve realizar uma interação dialética com a outra” (apud RIBEIRO, 2018) as reflexões traçadas me fizeram levar para as salas de aula atividades político-estéticas através do TO. A *imagem* foi o potencializador mais direto para desenvolver as atividades estéticas neste contexto. O som foi o segundo potencializador, em se tratando de Salvador, que recebe o título de Cidade da Música, é um canal criativo muito interessante. A palavra, paradoxalmente, é rejeitada na escola por alunos e alunas. Existe uma dificuldade acentuada no uso da palavra, seja de modo oral ou escrito. Falar ou escrever pensamentos, opiniões, ainda que de maneira criativa, é uma experiência bastante difícil de estimular.

FIGURA 1 “Chão da sala de aula”. Autoria própria



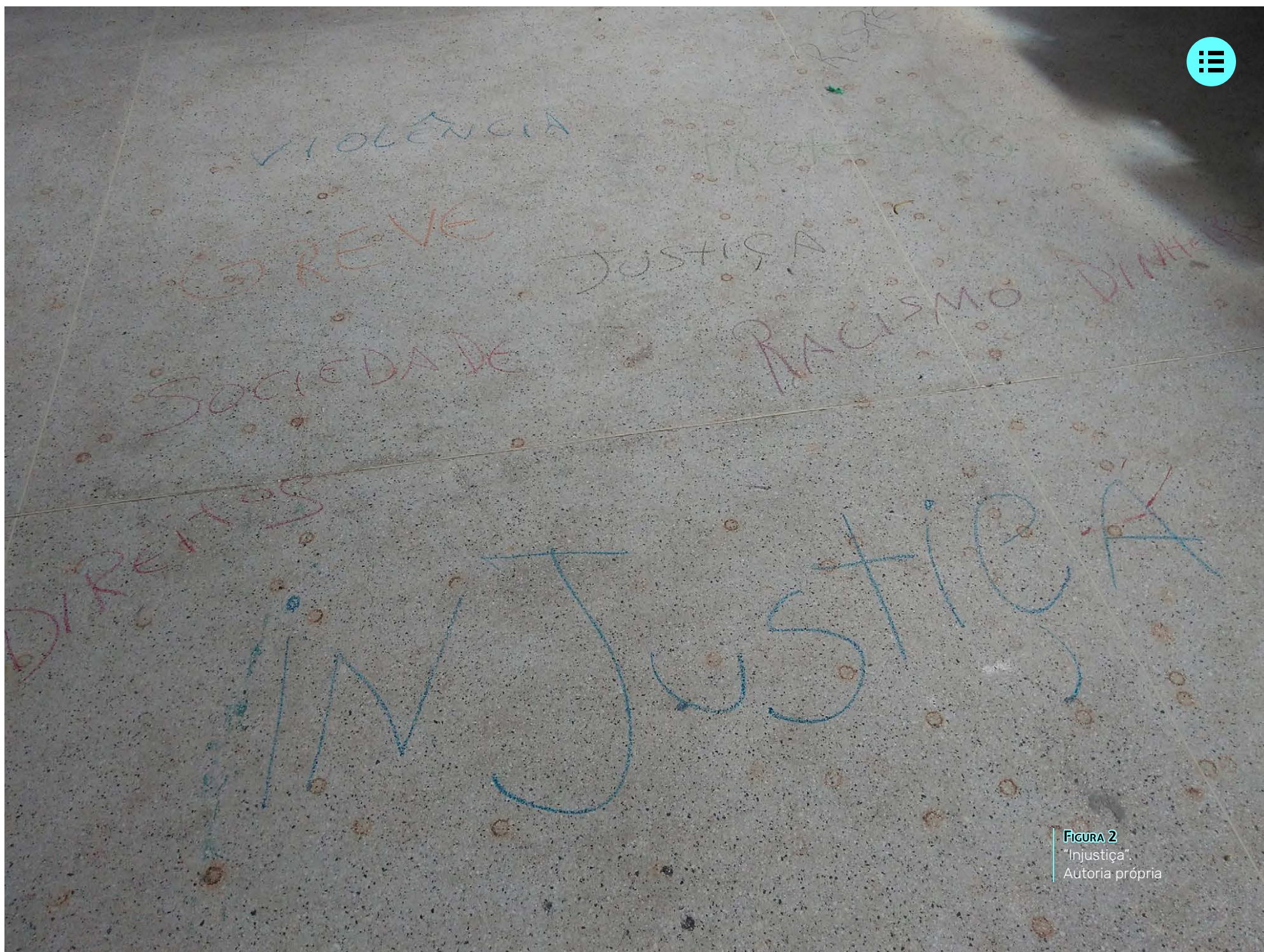


FIGURA 2
"Injustiça".
Autoria própria



O papel e o lápis são materiais que afastam o interesse das crianças e adolescentes em participarem das aulas de teatro. Percebendo isto, passei a utilizar o chão das salas como suporte para a escrita, com o intuito de concretizar as vivências criativas através da imagem e do som e ampliar as possibilidades de escrita. O chão desloca a atenção para um nível corporal mais despojado, ao mesmo tempo, em que expande o espaço de escrita e não induz à relação de certo e errado, como o quadro branco, por exemplo, ou a própria tarefa de classe.

Nos exercícios de imagem os/as estudantes eram estimuladas a criarem metáforas que davam títulos às cenas, palavras que dessem significado ao que era assistido e conforme as ideias iam surgindo, os registros eram feitos no chão, com giz de cera, por mim ou pelas/os estudantes voluntariamente. Após debates e registros no chão, muitas turmas sentiram-se interessadas em colocar no papel as muitas discussões, que estimuladas pela situação improvisacional *protesto*, perpassaram por temas como justiça, direitos, igualdade e racismo.

O movimento grevista da categoria de professores e funcionários da educação municipal de Salvador, embora realizasse atos pontuais que envolviam determinadas comunidades escolares, acabava por ser compreendido, de modo geral, como uma luta que pouco ou nada teria relação com os próprios estudantes da rede. Porém, as temáticas debatidas nas aulas-atos na Escola Ivone Vieira Lima são um resultado da compreensão do potencial disparador de análise crítica do real inerente à Estética do Oprimido e compreendendo as dimensões que envolviam a situação de greve, foi possível estimular uma representação estética desse real, a partir de perspectivas pessoais e estimulando uma narrativa autônoma e reflexiva acerca dos fatores que ligam a vida dos estudantes ao movimento político em questão.

As aulas de Teatro nesta escola seguem sendo realizadas na busca por elaboração de experiências que dialoguem com as condições oferecidas pelo ambiente e suas dinâmicas diárias, que por vezes apresentam dificuldades das mais variadas ordens: material, afetiva, organizativa e de gestão pedagógicas, aspectos que dizem respeito a um ambiente escolar que nem sempre compreende e integra o ensino de Teatro como parte importante das suas dinâmicas, relegando ao lugar decorativo. Enquanto isto, o empenho e a ação se fazem efetivas, ainda que se compreenda enquanto um papel contentor dos “deslizamentos e desabamentos” sociais, numa *pedagogia da lona*.



FIGURA 3
"Cartazes".
Autoria própria.



FIGURA 4 "Deixem as meninas jogar futebol".
Autoria própria.

FIGURA 5 "Fora racismo e injustiça". Autoria própria.





REFERÊNCIAS



- » AULETE, Caldas. "Lona". Disponível em <www.aulete.com.br> Acesso em 8 agosto 2018.
- » BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte MG: Letramento: Justificando,2018.
- » BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond,2009.
- » _____. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2008.
- » _____. **O Arco-íris do Desejo**. Método Boal de Teatro Terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2009.
- » Defesa Civil da Cidade de Salvador. **Áreas de risco**. Disponível em: <<http://codesal.salvador.ba.gov.br/>>. Acesso em 8 de agosto de 2018.
- » INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **IDEB. Resultados e metas**. Disponível em <<http://ideb.inep.gov.br/>> Acesso em de agosto de 2018.
- » INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Nota Informativa**. Disponível em <<http://ideb.inep.gov.br/>> Acesso em de agosto de 2018.
- » RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** Rio de janeiro: Companhia das Letras, 2018.
- » SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido**. Raízes e asas. Uma teoria da práxis. Rio de Janeiro: IbisLibris,2016.
- » _____. **Teatro do Percursos Estéticos**. Imagem, som, ritmo e palavra- abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido. 1ª ed. São Paulo: Padê editorial,2018.
- »